Nota Bibliográfica ]

O CONTEXTO HUMANO DA PALAVRA DE DEUS

Antônio César Seganfredo\*

O livro de Giuseppe Bellia, Il contesto umano della Parola di Dio - Per un'interpretazione integrata delle Scritture (Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2012, 185 pp.) tem como autor o exegeta italiano Giuseppe Bellia, presbítero da Diocese de Catânia, professor junto à Faculdade Teológica da Sicília, com sede em Palermo. A coleção Guida alla Bibbia, na qual o livro está hospedado, propõem-se a oferecer instrumentos para uma leitura inteligente das Escrituras, entre os quais até agora foram publicados, sobretudo, gramáticas para o estudo do hebraico e do grego.

Ao ler o título do livro não é possível entender imediatamente de que argumento ele trata. Com contexto humano Bellia refere-se aquilo que o Documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1993, A Interpretação da Bíblia na Igreja, chama de: Abordagens através das ciências humanas, isto é, a abordagem sociológica e através da antropologia cultural (com exceção das abordagens psicológica e psicanalítica). Estas abordagens, apesar dos avanços destes últimos vinte anos, não estão particularmente presentes no âmbito dos estudos bíblicos italianos, embora sejam muito apreciadas pelos nossos exegetas latino-americanos.

Na Introdução, que o autor intitula: Aviso aos navegantes; são dadas algumas indicações sobre os nomes, os tempos e os modos. Entre outras coisas é dito que o presente livro não é um manual introdutório à aplicação das abordagens sociológica e antropológica à Escritura, mas sim um convite a explorar e a percorrer um caminho exegético que aqui é apenas delineado (pg. 16).!

ESPAÇOS (2014 — 22/2) Instituto São Paulo de Estudos Superiores 187 |

* Professor do ITESP e doutorando em Teolo- gia Bíblica.

! As traduções do ital- iano são próprias. No primeiro capítulo, intitulado: Para integrar história e ciências humanas, o autor sublinha a importância da complementariedade entre as diferentes metodologias e abordagens para a compreensão dos textos bíblicos, nalinha do incentivo em mérito do supracitado documento da Pontifícia Comissão Bíblica. O método histórico-crítico valorizou muito o conhecimento do chamado Sitz-im-Leben (recordemos, por exemplo, os estudos de Bultmann e Dibelius, do período conhecido como formgeschichte), isto é, do ambiente vital onde o texto foi produzido. Todavia esta dimensão, sem a contribuição da abordagem sócio-antropológica, corre o risco de desenvolver apenas um conhecimento literário do Sitz-im- Leben. Dentro da caminhada de integração metodológica, entre resistências e aberturas, Bellia sublinha particularmente a contribuição dada pela escola historiográfica francesa chamada Les Annales, (são citados os nomes de dois grandes expoentes: primeiro Lucien Febvre [1878-1956] e depois Fernand Braudel [1902-1905]), que buscou integrar o estudo da história com a geografia e a sociologia, isto é, buscou o caminho da interdisciplinariedade. A busca da integração entre história e ciências humanas, porém, não deve levar o exegeta a cair na ilusão da objetividade científica: não há, e não poderá jamais existir, uma ciência histórica asséptica e impessoal que, buscando compreender o passado, não explique e julgue também o presente; existe de fato uma verdadeira circularidade hermenêutica entre a compreensão do presente através do passado, mas também do passado através do presente (pg. 33).

O segundo capítulo intitula-se: Como pesquisar na pós- modernidade e nele o exegeta siciliano começa com uma descrição das principais características da pós-modernidade (a sociedade líquida descrita por Zygmund Bauman), com suas consequências em nível social e pessoal, e assinala a dificuldade para a pessoa de hoje entender a sociedade dos tempos bíblicos, fortemente enraizada nas relações de clã e na pólis, enquanto sempre mais tecnologizada, capaz de conexões, mas não de relações (pg 43). Estas premissas, isto é, seja a impossibilidade da objetividade científica, tratada no primeiro capítulo, como as características que a pós-modernidade apresenta, podem conduzir à integração entre a pesquisa histórica e as ciências humanas e também a resultados bastante contraditórios. Nesse sentido, Bellia detém-se com cura na análise da terceira busca pelo Jesus histórico (the third quest), que no último quarto do século passado, amparada pelas novas descobertas arqueológicas,

(iss | Antônio César Seganfredo — O contexto humano na palavra de Deus pelo recurso aos apócrifos e pela revalorização do ambiente judaico onde Jesus viveu em um ambiente acadêmico laico e anglo-saxônico, apresentou retratos do Rabi Galileu em modo absolutamente contraditório, como já havia acontecido, em um ambiente científico diferente e com outras premissas, com os pesquisadores da Primeira Busca pelo Jesus histórico, na segunda metade do século XIX, como bem sublinhou Albert Schweitzer. Sem negar a possibilidade de conclusões equilibradas e condivisíveis sobre Jesus e o ambiente galileu, o autor conclui o capítulo com um juízo lacônico: Num primeiro olhar global, pode-se dizer que a abordagem bíblica através das ciências humanas teve neste período um êxito grandioso e reducionista, tanto inesperado como ambíguo, pela variedade de métodos adotados e pela disparidade dos resultados conseguidos (pg. 54). Todavia, não se trata de um juízo pessimista, pois o livro está por entrar na sua parte positiva e propositiva.

No terceiro capítulo, intitulado: Nos confins da sociologia, como já transparece, o autor trata da abordagem sociológica aplicada aos estudos bíblicos. Inicialmente ele reflete sobre a sociologia em si, isto é, seu objeto de estudo, seus pressupostos epistemológicos e suas premissas metodológicas, sublinhando a dificuldade que os próprios sociólogos encontram em chegar a uma definição condivisível e sublinhando também o caráter de provisoriedade das conclusões a que chegam sempre expostas à crítica e à verificação. Em continuação Bellia apresenta sumariamente os principais paradigmas sociológicos, em número de quatro, possivelmente a serem resumidos em dois. O \*paradigma da ordem (vários expoentes), que vê na competição o instrumento para alcançar uma adaptação mais profícua às transformações em ato (pg. 64); o “paradigma do conflito (Marx), para o qual um sistema social é formado por um grupo de pessoas, cuja interação é marcada por interesses convergentes e orientada na direção de objetivos não convergentes (pg. 66); o “paradigma da estrutura (Durkheim), para o qual toda a estrutura social funcionante baseia-se no consenso dado às regras e às tradições instituídas e transmitidas, porque se atribui uma força intrínseca e constitutiva à estabilidade e à continuidade social, enquanto toda forma de mudança é considerada como desvio e condenada como antissocial (pg. 67); o “paradigma da ação (Max Weber), para o qual a referência para estudar e interpretar a sociedade é o ator social enquanto portador de interesses e de valores irrenunciáveis e não delegáveis (pg. 68). Todavia, após este esforço conceitual, é forçoso reconhecer

ESPAÇOS (2014 — 22/2) Instituto São Paulo de Estudos Superiores E 2 Ver a crítica de Pablo Richard à tese dos ca- rismáticos itinerantes de Theissen em Ribla 22, no artigo intitu- lado: Los diversos orí- genes del cristianismo. Una visión de conjun- to (30-70 d.C.). Site: http://www .claila- tino.org/ribla/ribla22/ los%20diversos%20 origenes%20del%20 cristianismo.html.

que nenhum destes paradigmas considerado rigidamente tem condições de apresentar um modelo satisfatório, somente a integração entre os diferentes modelos, que leve em conta seja os percursos que partem do indivíduo que os que partem da estrutura, seja os teóricos que os empíricos, tem condições de oferecer repostas equilibradas. Como podemos perceber, a complementariedade é desejável tanto em campo exegético come em âmbito sociológico.

Continuando, Bellia apresenta a proposta de um novo paradigma, diferente daqueles apresentados precedentemente, sempre consciente da dificuldade que a sociologia tem tido para chegar a modelos e conceitos condivisíveis, bem como da dificuldade que os próprios conceitos de sociedade e comunidade conhecem na sociedade digital atual. Trata-se do “paradigma do ágape, fortemente ancorado na teologia bíblica. Não se trata de uma realidade utópica ou teórica, enquanto é conhecida em nível prático, resolvendo a tensão entre amor e justiça. (...) Não se trata de um equívoco utópico: acontecem verdadeiramente regimes de paz onde os indivíduos, deixando de exercitar a troca de prestações e de favores que estão na base de toda justiça retributiva, evitam ser capturados pela lógica calculista para chegar onde está a fatibilidade do dom que não busca gestos de retribuição (pg. 86-87). O autor acredita que tal percurso pode revitalizar a reflexão bíblico-teológica e a própria sabedoria da vida eclesial.

Ainda no terceiro capítulo, é apresentado o sociólogo e historiador da religião dos primeiros cristãos Gerd Theissen, pesquisador alemão cujas obras são conhecidas em tradução também no Brasil e que se tem distinguido pela aplicação da abordagem sociológica em exegese há mais de trinta anos. Seus estudos levantaram a hipótese da presença de um grupo de carismáticos itinerante.? no cristianismo das origens: para ele deve-se a esta admirável e edificante conduta ascética dos itinerantes, praticada pelos discípulos do Mestre em obséquio ao seu exemplo e às suas palavras, a impressionante e rápida difusão entre o povo de novos valores religiosos e morais ensinados por Jesus (pg. 78).

Seno capítulo terceiro foi tratada a abordagem sociológica, no capítulo quarto é a vez da abordagem a partir da antropologia cultural, sob o título: Do bom uso da antropologia. Bellia inicia chamando atenção para a necessidade do uso de uma metodologia adequada, de modo que o antropólogo tenha condições que transcender o seu ambiente cultural de proveniência, sem a pretensão da neutralidade científica que,

Antônio César Seganfredo — O contexto humano na palavra de Deus como já foi dito, não passa de uma ilusão, mas também sem cair no outro extremo, isto é, no ceticismo. Logo em seguida ele apresenta a relação entre a antropologia e a sociologia, por um lado, e entre a antropologia e a história, por outro. Passando para a recepção bíblica destes estudos, isto é, para a colaboração entre história e ciências humanas em exegese, necessariamente são postas algumas interrogações: como coordenar esta pesquisa quando aos estatutos epistemológicos, às diferentes metodologias e abordagens, bem como aos confins dos diferentes âmbitos, de modo a evitar inúteis abstrações e sobreposições? As pesquisas de Bruce J. Malina tem constituído uma tentativa de percorrer este caminho no sentido da aplicação da abordagem da antropologia cultural em exegese, tendo em vista definir o âmbito próprio da natureza, da cultura e da pessoa no mundo bíblico (pg. 104). Malina parte do princípio que para compreender um texto bíblico é necessário compreender o específico sistema sociolinguístico onde ele foi produzido, de modo a poder coligar quanto escrito com os objetos concretos daquele mundo. Bellia, non entanto, alerta o leitor para o risco de generalização que este tipo de estudo corre, no momento em que queira “encaixar” o específico texto bíblico nos esquemas teóricos dos estudos do antigo mundo mediterrâneo. Voltando a Malina, na busca do estudo da cultura subjacente aos textos neotestamentários, ele afirma: todos os seres humanos são ao mesmo tempo de modo nenhum iguais, de modo nenhum diferentes, e um pouco iguais e um pouco diferentes; se compartilhamos a mesma natureza humana, não compartilhamos a subjetividade; todavia, do ponto de vista cultural há aspectos que compartilhamos com outras culturas e outros não; também com as culturas do passado. Nesse sentido, traduções, enciclopédias e dicionários são instrumentos úteis para penetrar no mundo bíblico, mas insuficientes. Para evitar o anacronismo é necessário realizar percursos adequados de pesquisa, tendo em vista conhecer a cultura dos homem bíblico. Nesse sentido têm sido desenvolvidas as pesquisas desse estudioso e seus colaboradores.” No contexto italiano tem-se distinguido o casal de pesquisadores Adriana Destro e Mauro Pesce, em modo interdisciplinar, enquanto ela é antropóloga e ele exegeta. No percurso proposto por eles a análise filológico- histórica precede a abordagem antropológica, que então tem condições de fazer perguntas que poderiam encorajar a exegese crítica a desenvolver novas e mais profundas investigações (pg. 112). Essa antropologia dos textos considera que ele carrega

ESPAÇOS (2014 — 22/2) Instituto São Paulo de Estudos Superiores E;

3 Sobre as obra de Malina em tradução para o português podemos encontrar, por exemplo: MALI- NA. E. O Evangelho Social de Jesus. O Reino de Deus em Perspectiva Mediter-

rânea. Paulus: São Paulo 2004. em si o potencial de nos conduzir à mentalidade e a cultura do redator (à sua culturologia), estando menos interessada em reconstruir a antiga vida social subjacente. Concluindo o capítulo, Bellia oferece um exemplo prático da aplicação da abordagem antropológica em exegese, escolhendo para tanto a narrativa relativamente breve do Livro de Tobit. A leitura é feita especialmente a partir do recurso aos estudos de Malina sobre o tema da honra e da vergonha, entendidos como valores fundamentais do mundo greco-romano do I século. O leitor é também avisado da necessidade de uma leitura histórica complementar atenta. Ao final do percurso e como fruto dele, são levantadas hipóteses sobre a datação da obra, seu autor e as características do local e ambiente onde terá sido redigida.

Enfim chegamos ao quinto e último capítulo, intitulado Uma leitura integrada das Escrituras. Após reafirmar a necessária colaboração das abordagens baseadas nas ciências humanas com o tradicional método histórico-crítico e com os recentes métodos de análise literária, Bellia dedica-se a duas reflexões ulteriores: na primeira ele sublinha novamente o desafio que consiste comunicar a ordem simbólica antiga, própria do mundo bíblico, a uma geração digital-mediática, marcada por provisoriedade e liquidez; na segunda ele reflete sobre a contribuição que as abordagens a partir das ciências humanas tem oferecido à exegese, indo para além das possibilidades do simples recurso à análise literária, porquanto continue básico e fundamental: deve-se tomar consciência de como as ciências humanas nos têm ajudado a compreender que um texto deve ser visto como o produto de uma atividade humana estratificada e complexa, que não pode pertencer exclusivamente à esfera da comunicação nem ser resumida somente à operação do escrever (pg. 133).

O percurso metodológico que o autor propõe, em conclusão, passa por um tríplice caminho: após uma leitura integral do texto a ser analisado, buscando um conhecimento histórico e filológico basilar, o *primeiro passo é uma minuciosa interrogação sociológica do texto, de modo a inventariar as eventuais figuras e formas institucionais que, junto aos dados sociológicos presentes no texto, permitirão chegar a ter uma ideia do tipo de sociedade comum ao escritor e ao seu primeiro leitor (pg. 142); o* segundo passo conduz o exegeta do texto à sociedade colhida a partir do texto, de modo a buscar reconstruí-la através de adequada pesquisa para então, no \*terceiro passo, enfim, é preciso voltar ao texto para individuar a culturologia presente na trama

192] Antônio César Seganfredo — O contexto humano na palavra de Deus narrativa e assim chegar a uma documentada e plausível reconstrução histórico-antropológica, que pode extrair do escrito informações mais úteis também sobre o onde e o quando do livro (pg. 143). Bellia busca, em continuação, realizar este tríplice percurso metodológico no livro dos Provérbios, de modo a ilustrar quanto apresentado teoricamente; ao final, como já fizera com o livro de Tobit, chega a hipóteses sobre o ambiente onde acontece a redação final deste livro sapiencial marcado pela união de mais coleções de provérbios. Ele termina, enfim, realizando um elogia da marginalidade, afirmando a margem como o lugar crítico por excelência para o surgimento de novas intuições e a aplicação de novas metodologias, enquanto não conformista com as tendências conservadoras e vencedoras. O exegeta pergunta-se, pois: onde hoje, em âmbito bíblico e acadêmico, pesquisa-se em posição de marginalidade?

Como podemos perceber, o livro é bastante atual e estimulante para a pesquisa bíblica. No âmbito da exegese latino-americano creio se esteja trilhando um bom caminho, justamente talvez porque se busque realizar uma exegese a partir das margens. Nesse sentido, a leitura deste livro pode servir como estímulo e esclarecimento também para os que se interessam pelo estudo das Escrituras em nosso continente; e, nesse sentido, valeria a pena que fosse traduzido. Naturalmente, Bellia olha em primeiro lugar para o leitor italiano, sem, contudo, invalidá-las para os demais; muito pelo contrário. Por fim, como ele deixa bem claro, este livro não é um manual de introdução à aplicação das abordagens sociológica e antropológico-cultural em exegese (mesmo se o autor apresenta exemplos concretos). Todavia, segundo o meu modesto conhecimento, o âmbito bíblico acadêmico carece de tal tipo de manuais, que seriam muito bem vindos, sobretudo para quem deseja aprender a utilizar tais metodologias. Com facilidade encontra-se no mercado, manuais que introduzem ao uso da metodologia histórico- crítica; ultimamente vieram à luz manuais que introduzem a aplicação da narratologia (algo já foi traduzido no Brasil). Oxalá também para as abordagens a partir das ciências humanas sejam produzidos tais instrumentos, detalhados e didáticos!

ESPAÇOS (2014 — 22/2) Instituto São Paulo de Estudos Superiores